

# Mulheres protagonistas na literatura setecentista: reflexos nas traduções que chegaram ao Brasil

Simone Cristina Mendonça  
UFPA

**RESUMO:** A literatura brasileira oitocentista apresenta uma variedade de personagens femininas memoráveis, de romances de sucesso, frutos da imaginação dos grandes autores. No entanto, mesmo antes da consagração do gênero romance em nosso país, já circulavam, nas mãos dos leitores, contos, novelas e histórias em prosa de ficção, traduzidos do Francês, trazendo aventuras e desventuras de mulheres. A *Impressão Régia* do Rio de Janeiro imprimiu algumas dessas histórias entre os anos de 1810 e 1822. Neste trabalho, voltaremos a atenção para a presença da mulher nas narrativas ficcionais publicadas nesse período, ressaltando os modelos e antimodelos de virtude femininos. Destaca-se a presença de personagens femininas resistentes às regras da moral, que nem sempre foram punidas nos desfechos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance brasileiro – Séculos XVIII e XIX. Personagem feminina – Séculos XVIII e XIX. *Impressão Régia*.

**ABSTRACT:** Brazilian literature of the nineteenth-century presents a variety of memorable female characters in novels of success, great writers' imagination products. However, even before the confirmation of the novel in our country, there were short stories, novels and stories in prose of fiction circulating in the hands of readers. They were translated from French, and brought women's adventures and misadventures. The *Impressão Régia do Rio de Janeiro* printed some of these stories between the years 1810 and 1822. In this work, we will return our attention to the presence of women in fictional narratives published in this period, highlighting the

anti-models and models of female virtue. There is the presence of female characters that were against to the rules of morality, which were not always punished the end.

KEYWORDS: Brazilian Novel – 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> Centuries. Feminine Characters – 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> Centuries. *Impressão Régia*.

As personagens femininas dos romances românticos habitam no imaginário dos leitores dos clássicos da literatura brasileira, algumas vezes lembradas como modelos de moral e virtude, outras como mulheres que desafiaram as normas de conduta do século XIX, assumindo comportamentos nem sempre bem vistos pelos olhos dos costumes da época. Contrariando a opinião sobre o papel que deveriam assumir, pleiteando matrimônios com rapazes de colocação social mais elevada, negociando seus dotes ou mesmo trabalhando no meretrício, o fato é que, embora salvaguardadas por justificativas plausíveis, essas mulheres acabavam por ocupar lugares duvidosos do ponto de vista dos preceitos morais oitocentistas, ainda que momentaneamente.

No entanto, antes mesmo de que os romancistas brasileiros concebessem essas personagens e suas desventuras, os leitores que moravam em nosso país já tinham conhecimento de histórias de mulheres virtuosas ou nem tão virtuosas. A leitura de tais histórias era possibilitada por meio da importação de romances europeus que aportavam no Rio de Janeiro, traduzidos ou em seus idiomas originais<sup>1</sup>.

Romances, novelas, contos, prosas de ficção, enfim, já ocupavam as prateleiras dos comerciantes que lidavam com a venda de livros logo nos primeiros anos dos oitocentos. E devem ter alcançado sucesso junto

---

<sup>1</sup> Sobre circulação de livros no Brasil no final do século XVIII e início do século XIX, vale a pena ler: Márcia Abreu, *Os caminhos dos livros* (2003); Leila Mezan Algranti, *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821)* (2004); Luiz Carlos Villalta, *Reformismo ilustrado e práticas de leitura: usos do livro na América portuguesa* (1999).

ao público leitor, tendo em vista que eram anunciados no único jornal disponível na época na Corte, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periódico impresso no Brasil, com circulação iniciada em 1808.

Além dos títulos importados, havia a possibilidade de leitura de livros em prosa de ficção publicados na primeira tipografia legalmente instalada no Brasil, a Impressão Régia do Rio de Janeiro, inaugurada em 13 de maio de 1808, logo após a chegada de D. João e sua Corte na cidade. Destaca-se o caráter oficial da casa impressora, à qual foi atribuída primeiramente a função de imprimir os atos do governo e, depois, a tarefa de suprir a carência de livros didáticos para os estabelecimentos de ensino recém instalados<sup>2</sup>. Apesar desse caráter oficial, foram publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro obras de Belas-Letras, como textos de peças teatrais e livros de poesia. Além disso, a partir de 1810, imprimiram-se também narrativas ficcionais, traduzidas em sua maioria do Francês. Seguem os títulos nesse gênero (conforme ortografia da época), seguidos do ano em que foram publicados no Rio de Janeiro:

*O diabo coxo* (1810); *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos* (1811); *Historia de dois amantes ou o templo de Jatab* (1811); *Paulo e Virgínia historia fundada em factos* (1811); *Aventuras pasmosas do celebre Barão de Munkausen* (1814); *Historia da donzella Theodora* (1815); *Triste effeito de huma infidelidade* (1815); *O castigo da prostituição* (1815) e *As duas desafortunadas* (1815)<sup>3</sup> (SOUZA, 2007). No presente artigo, centraremos nossa atenção nas obras *A filósofa por amor*, *Paulo e Virgínia* e *Historia da donzella Theodora*.

---

<sup>2</sup> Sobre o histórico da fundação da Impressão Régia do Rio de Janeiro, recomendo a leitura do capítulo introdutório das seguintes obras: CABRAL, Alfredo do Valle Cabral, *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822* (1881; 1998), e de Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba Moraes, *Bibliografia da Impressão Régia* (1993).

<sup>3</sup> Dos títulos listados, *Historia da donzella Theodora* e *Aventuras pasmosas* não foram traduzidos do Francês, tendo como idiomas de origem o Espanhol e o Inglês, respectivamente.

Também nessas narrativas encontramos personagens femininas que podem ser tomadas como modelos e antimodelos de virtude, considerando-se o período em que foram publicadas. As histórias dessas personagens, incluindo o mau passo que eventualmente tenham dado, às vezes são encerradas com desfechos que indicavam um castigo, outras, terminam com um “final feliz”, seguindo uma linha de escritos com castigos para as personagens viciosas e recompensa para as virtuosas. Os discursos dos romancistas ingleses e franceses do séc. XVIII, período em que o gênero entrou em ascensão, expõem defesas ao romance apresentando estratégias para justificar o caráter moralizante do gênero e sua função de instruir os leitores, mesmo que fosse por meio de maus exemplos de comportamentos, pois prevaleciam os desfechos com a virtude recompensada e o vício punido<sup>4</sup>. Arrependimentos, da mesma forma, são presentes nos enredos, bem como atitudes extremas em nome dos bons costumes.

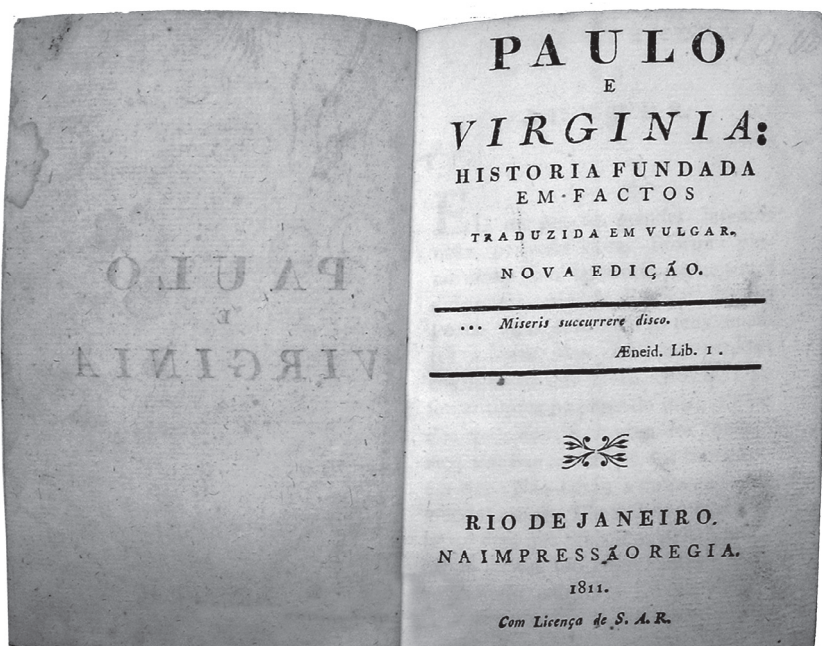
Iniciemos tratando desse último caso, com um modelo de virtude, a personagem Virgínia, de *Paulo e Virgínia*, romance em dois tomos, de autoria de Jacques-Henri Bernardin de Saint Pierre, que, de acordo com Demougin (1994), foi publicado originalmente em 1788 “DEMOUGIN”, “**Paulo e Virgínia**”. Os protagonistas dessa história moravam com suas mães (Margarida e Madame de la Tour) e dois escravos (Domingos e Maria), em uma ilha pouco povoada, afastada de grandes centros, onde foram criados como irmãos. No entanto, eles se apaixonaram e tiveram de se separar porque, a certa altura, Virgínia foi intimada a morar com uma tia rica em Paris. Ao retornar para a ilha, o navio em que Virgínia estava passou por uma tempestade e

---

<sup>4</sup> Acerca desses discursos, ver: Márcia Azevedo de Abreu, *Os caminhos dos livros* (2003); Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos, *A formação do romance inglês: ensaios teóricos* (2000) e *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII* (2002).

ela não sobreviveu, pois, apesar dos apelos da tripulação, negou-se a se atirar no mar, temendo que, com o salto e o movimento da maré, ficasse parcialmente despida.

Romance *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint Pierre, publicado na Impressão Régia do Rio de Janeiro em 1811.



Fonte: Biblioteca José e Guita Mindlin

Embora Virgínia tenha preferido a morte à exposição parcial de sua nudez, o comportamento e a história de vida das mães dos protagonistas são apresentados de forma a incitar uma reflexão acerca dos preceitos morais e da apropriação dos mesmos, aliada a uma crítica aos valores aristocráticos, dentre eles a impossibilidade de união entre pessoas que não fizessem parte de uma mesma posição social.

Michael Mckeon ao tecer considerações sobre personagens de romances ingleses do século XVIII, nos auxilia a compreender melhor essa apropriação. Para o autor, as mudanças sociais ocorridas na Inglaterra no período, como a ascensão de uma classe burguesa que procurava se legitimar, desencadearam novas formas de concepção da moral, redefinindo, então, virtude como uma característica individual e conquistada a partir de ações, independente de honras familiares e títulos aristocráticos (VASCONCELOS, 2002, p. 15). O conceito de virtude, utilizado pelos romancistas ingleses, também foi empregado nas obras francesas do gênero, como verificamos em *Paulo e Virgínia*, por exemplo, na caracterização das mães dos protagonistas.

A situação civil de Madame de La Tour, viúva, parece aceitável, embora ela fosse censurada por parte de sua tia residente em Paris pelo fato de ter contraído um matrimônio com um homem de condição social inferior, realizado contra a vontade de sua família. O leitor toma conhecimento da opinião da tia francesa por meio de uma carta que esta remeteu ao governador da ilha, na tentativa de difamar a honra de Mme. de la Tour. Nesse momento da leitura, em que o passado da mãe de Virgínia se tornou público e foi posto sob suspeita, um impasse é colocado pelo narrador: de um lado, está uma senhora francesa influente e rica, em defesa dos valores aristocráticos; e, do outro, uma mulher deserdada, totalmente sem posses, que se casara contra a vontade de seus familiares, mas que mantinha uma boa conduta durante sua estadia na ilha. Embora o governador da ilha tivesse optado por acatar o julgamento da primeira, o leitor é discretamente incitado pelo narrador a criar grande simpatia por essa última.

Quanto à Margarida, mãe solteira, enganada por um homem que a abandonou grávida, o julgamento moral pelo viés aristocrático se torna ainda mais severo e isso é perceptível no modo indiferente como o mesmo governador da ilha a tratava. Todavia, o leitor também é

levado a ter grande consideração por essa personagem, pois, com humildade, a mãe de Paulo mantinha uma vida honesta e havia acolhido e auxiliado Mme. de La Tour nos momentos mais difíceis.

Além disso, mesmo com origens sociais diferentes, essas duas mulheres se tornaram amigas e, por extensão, seus filhos cultivaram grande simpatia um pelo outro. Quando se tornaram jovens, Paulo e Virgínia, se apaixonaram, fato que retoma a reflexão acerca da distinção de posições sociais, sobretudo no quesito matrimonial. O amor entre os jovens, de certa forma, já era previsto por suas mães, mas a reação delas quanto à possível união se deu de forma diversa. Madame de La Tour temia um casamento entre Paulo e Virgínia, lembrando as dificuldades que enfrentara ao escolher para si um esposo sem condições financeiras para proporcionar-lhe um vida digna. Pensava no futuro de Virgínia, sem grandes perspectivas, já que esta, da mesma forma como ocorreu consigo, nada receberia dos parentes que se encontravam na França. Margarida, por sua vez, nada temia em relação a essa união, cuja ideia de concretização lhe agradava. Contudo, a mãe de Paulo, de origem pobre, tomou conhecimento do abismo social que separava seu filho de Virgínia na ocasião em que esta organizava sua partida para morar junto da tia francesa.

Os preparativos para a viagem incluíram a compra de roupas, tecidos e acessórios, com o dinheiro provindo da parenta distante, uma vez que a jovem não dispunha de vestimenta adequada para se apresentar na Corte francesa. Mesmo sabendo da necessidade dessa viagem, Margarida não via empecilhos para uma união futura entre seu filho e Virgínia, mas, na ocasião desses preparativos e da troca de roupa da jovem, a visão de Virgínia vestida e ornada como uma senhorita da Corte causou tamanho impacto em Margarida, que esta, esquecendo-se de quem era a menina que criara quase como filha até o momento anterior ao toucador, convenceu-se de que o enlace

seria impossível. Foi preciso que Virgínia mudasse de trajes, ou seja, alterasse apenas sua aparência, para que Margarida percebesse o problema de um possível casamento entre os protagonistas.

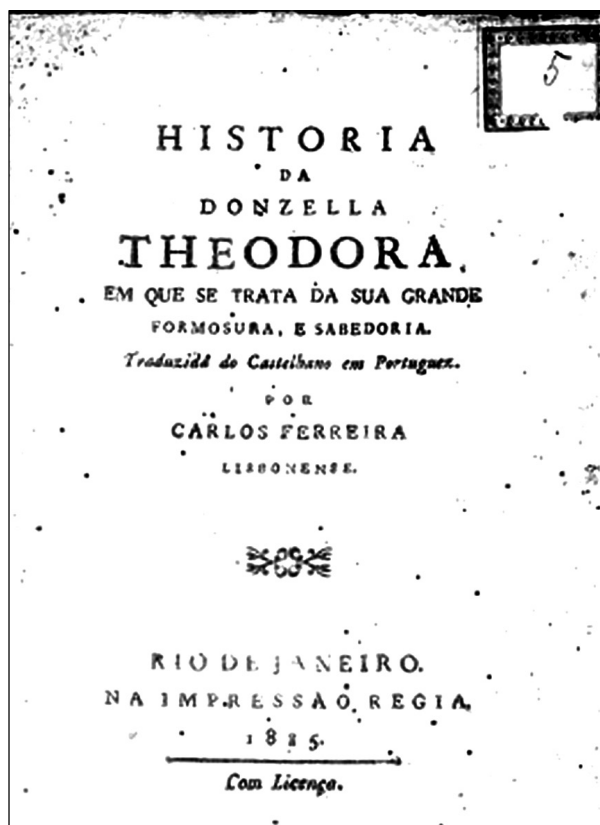
A estadia de Virgínia na Europa, de acordo com as cartas que esta remeteu à mãe, mostrou-se muito produtiva na formação da protagonista em relação aos estudos. E a notícia dessas conquistas da cultura letrada por parte da moça reafirmava a diferença entre ela e Paulo. Se antes ambos eram analfabetos, após a viagem encontravam-se a uma distância intelectual que parecia intransponível, apesar dos esforços de Paulo em aprender a ler a partir das lições que tomava com um senhor mais velho. Entretanto, antes de retornar da Europa, saudosa de sua vida simples, a personagem feminina declarou em carta à sua mãe que pretendia esquecer-se da vida na Corte e retomar as atividades cotidianas que fazia antes da partida. E, verdadeiramente, o amor entre os protagonistas se manteve até os últimos momentos de vida de Virgínia que, conformada com o fato de que deveria morrer afogada se quisesse se manter fiel aos seus princípios morais, nada fez para mudar seu destino. O final é triste e decepciona um pouco o leitor que, provavelmente torcia pela união dos jovens, mas satisfaz preceitos morais bem vistos na época.

Outro exemplo positivo do ponto de vista da moral é *Historia da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria*, folheto de poucas páginas, cujos dados editoriais apontam para uma edição original em 1540, escrita por Juana Milian (SILVA, 1859, v. II, p. 30-31; v. IX, p. 35). Tal título, de grande sucesso em Portugal, foi publicado nesse país em 1712, numa tradução feita por Carlos Ferreira Lisbonense, e, somente no período selecionado em nosso recorte (com limite até o ano de 1822), foi reeditado no mínimo sete vezes (RODRIGES, 1992). Os comentários podem ser iniciados a começar pelo título, uma vez que a protagonista, apesar de sua

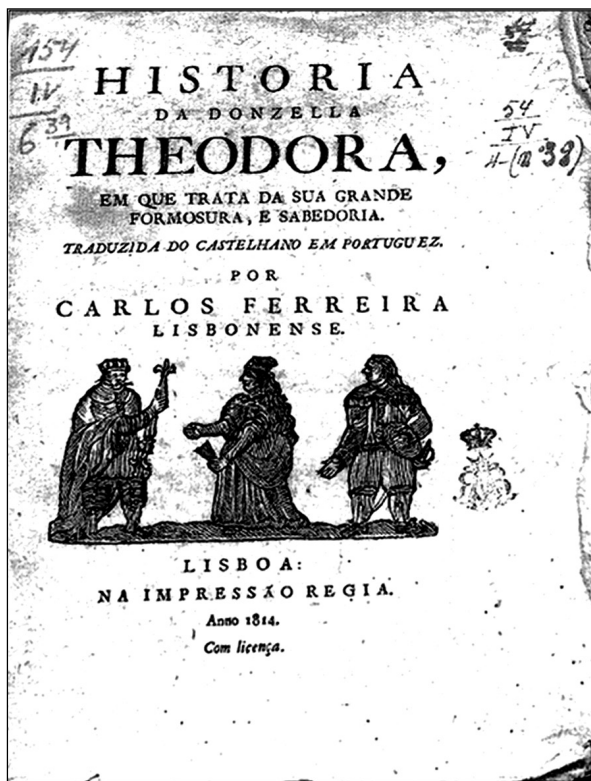


“formosura”, mantinha-se “donzella”, condição em que permaneceu até o desfecho desta história, atestando sua “sabedoria”.

Duas edições de *História da donzella Theodora*, publicadas na Imprensa Régia do Rio de Janeiro, em 1815; e na Imprensa Régia de Lisboa, em 1814.



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro



Biblioteca da Ajuda/Palácio Nacional da Ajuda/Lisboa

Esse livro conta a história de Theodora, uma escrava branca, que servia um mercador falido. Este, para saldar as suas dívidas, sugeriu que ela fosse vendida para um rei, de nome Miramolim. Como o preço exigido pela venda da escrava era muito alto, o rei decidiu testar os conhecimentos da mesma com questões sobre muitos temas, feitas por três sábios contratados, às quais a donzela respondeu corretamente. Impressionado com a inteligência de Theodora, o rei não só pagou o valor estipulado ao mercador, como lhe devolveu a escrava, presenteando-a, ainda, com um vestido.

Note-se que, não obstante sua condição de escrava, a protagonista havia se dedicado aos estudos, desenvolvendo uma esperteza invejável, que, no desafio lançado pelo rei, superou a inteligência de três sábios. Contudo, Theodora não se envaideceu, não tomou para si as glórias desse feito, nem se voltou contra o mercador que havia decidido vendê-la, mantendo-se humilde e submissa. Embora tivesse recebido uma alta quantia em dinheiro, por seus próprios méritos, além de um vestido de brocado, não se deixou levar pela ambição ou pela vaidade e foi também fiel e leal ao seu senhor, conformada com sua condição de escrava.

Com menor conformismo diante da vida e, sobretudo, dos obstáculos impostos ante a realização da felicidade, Adelaida, a protagonista do romance epistolar *A filósofa por amor*, talvez já não pudesse ser considerada uma personagem tão exemplar, uma vez que, por amor, se colocou contra a opinião de seus pais. *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados, e virtuosos*, teve sua primeira edição em Língua Portuguesa em 1806, traduzida por Luís Caetano de Campos<sup>5</sup>.

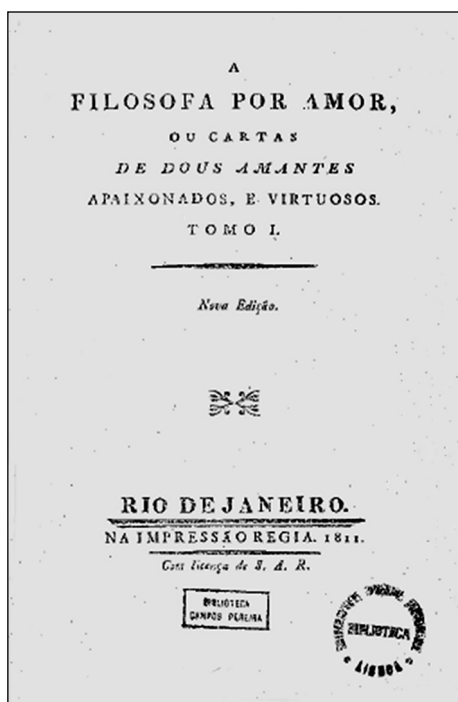
A edição traz um prólogo, de autoria não identificada, que se inicia com uma exaltação do gênero romance, no qual há um breve histórico, que relaciona desde as manifestações romanescas de cavalaria, até chegar às publicações francesas, com especial atenção para as epistolares, caso em que se encaixa o romance em questão. O elogio para esse tipo de escrita é feito nos seguintes termos do “Prólogo”

---

<sup>5</sup> Infelizmente, não obtivemos dados sobre a edição original desse romance. Gonçalves Rodrigues (1992), em estudo sobre a tradução em Portugal, considerou esse romance como tendo sido escrito pelo francês Retif de la Bretonne. De acordo com o pesquisador, Retif de la Bretonne, para compor esse romance, teria adaptado a primeira parte de um livro intitulado *Julie ou La Nouvelle Heloise*, de Jean-Jacques Rousseau, publicado pela primeira vez em Paris, no ano de 1766. A hipótese de Gonçalves Rodrigues, contudo, não foi confirmada.

de *A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos*: “Este methodo [epistolar], mais variado, offerece de huma maneira mais viva ao Leitor os diferentes acontecimentos que se lhe referem” (*A FILÓSOFA*, 1811, p. 4)<sup>6</sup>.

*A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos*, romance de autoria não identificada, publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, em 1811.



Fonte: Biblioteca da Universidade Católica João Paulo II/Lisboa

<sup>6</sup> Manteremos nas citações desse romance a ortografia e a pontuação presentes na edição consultada.

A história de Adelaida dialoga com a de *Paulo e Virgínia* na medida em que mantém características de valorização da moral e de crítica social. Esse último tema volta à baila em *A filósofa por amor* e, nesse romance, as referências ao comportamento aristocrático também apontam para os limites sociais que impunham obstáculos aos relacionamentos amorosos entre nobres e plebeus. Com maior desenvolvimento da discussão acerca desse assunto, da mesma forma, é reforçada a defesa da virtude individual.

Em resumo, essa é a história de uma estudante, filha de pais muito ricos, que se apaixonou por Durval, um homem sem títulos de nobreza, filho de lavradores. Aos olhos do narrador, conforme já havia sido declarado no prólogo, a união desses dois jovens apaixonados seria algo aceitável e totalmente consoante aos princípios da natureza. Entretanto, no enredo, foram colocados muitos empecilhos ao casal de origens sociais distintas, justificados no prólogo pelo fato de que “a natureza, porém perdeu muito dos seus direitos, a sua voz só falla aos corações, e he mui geral, envergonharem-se de adornar a sua boca com ella” (*A FILÓSOFA*, 1811, p. 7).

A possibilidade de um relacionamento entre pessoas de posições sociais diferentes feriria convenções vigentes no Antigo Regime, que valorizavam as demarcações. A oposição presente no enredo entre os desejos e comportamentos naturais, ligados ao privado e as convenções culturais aristocráticas, ligadas ao público, envolvia desde regras de cortesia e modos de como vestir-se, até normas de comportamento, direcionadas para a constituição da civilidade (SENNETT, 1998, p. 117-120).

O principal entrave para o casamento das personagens principais, Durval e Adelaida, foi revelado, logo no início, pelo próprio Durval, que reconhecia seu lugar na sociedade parisiense, como plebeu e filho de um lavrador: “jamais vossos pais consentirão na nossa união:

porque eu não sou nobre, nem assas rico para o poder ser” (A FILÓSOFA, 1811, t. I, p. 14). Mas a falta de títulos de nobreza ou de uma genealogia de prestígio não impedia a jovem rica de perceber no caráter de seu amante qualidades pessoais para ela mais valiosas: “Convence-te, jovem adorável, ainda que mui tímido, que para merecer a tua Adelaida bastão as tuas virtudes” (A FILÓSOFA, 1811, t. I, p. 15).

Ao elogiar as virtudes de seu amado, Adelaida se mantém na linha de defesa da moral, conceito, de certa forma, em modificação, a partir de valores burgueses, como analisou Michael Mckeon. No entanto, ainda que elencadas todas as virtudes de Durval, para os pais de Adelaida, nobres habitantes de Paris, o casamento era inaceitável, isso para desespero da jovem protagonista que, na luta por seus objetivos, se posicionava contra a opinião dos progenitores. A desobediência de Adelaida em relação às ordens paternas se fez ainda maior quando ela descobriu que sua mãe a enganara, contando que Durval já teria se casado com outra mulher. A severa reação da Sra. de Saint-Fray, ao ser desmascarada, nos informa sobre o comportamento que Adelaida deveria assumir, na perspectiva dos pais:

Tu não tens de modo algum o direito de dispor da tua pessoa, porque este direito pertence aos autores da tua existência. O teu primeiro dever he obedecer-lhes; apartar-se da sua obediência he hum crime, e todo crime destroe a virtude (A FILÓSOFA, 1811, t. II, p. 19).

Os pais desejavam que a protagonista se casasse com um outro pretendente, também nobre, com o qual já negociavam. Assim o matrimônio seria dado por contratos e arranjos entre as famílias, de modo que seus nomes e suas fortunas fossem preservados e valorizados. A intenção de Adelaida, então, de se casar com um plebeu, inspirada pelo

amor, soava como inconcebível aos pais, que a julgavam má, insolente e desonrada. Ainda assim, ela questionou a obrigação de ser submissa, em cartas dirigidas à mãe:

Não seria melhor dizer huma filha deve amar a virtude, e tudo sacrificar a ella? Este principio teria sido mais evidente, e conforme á vossa própria opinião sobre a nobreza, visto que a tratais de preocupação, e ao desejo de ser nobre, de paixão tão violenta como a do amor. [...] Entende-se a autoridade de hum pai até violentar huma filha, fazendo-a renunciar à felicidade, e suffocar as virtudes? (A FILÓSOFA, 1811, t. II, p. 14; p. 66).

As atitudes da protagonista revelam outra característica do romance moderno, inserido numa sociedade burguesa, na qual as relações familiares foram abaladas pela diminuição do peso da autoridade paterna, enquanto os jovens filhos, retratados diante de decisões importantes, como o amor e a carreira, ganharam espaço, apontando para o rompimento de algumas tradições aristocráticas (HUNTER, 1988, p. 21).

Apesar das disputas com os pais e do embate que se dá entre preceitos aristocráticos e vontades individuais, Adelaida consegue alcançar seus objetivos quando o pai, acometido por grave doença e já acamado, cede aos pedidos da filha e convoca Durval para conceder-lhe a mão de Adelaida. O romance, assim, é encerrado com o matrimônio dos protagonistas.

O romance em questão, devido principalmente ao comportamento rebelde de Adelaida diante de seus pais, quase não foi impresso em Portugal, onde a aprovação para impressão e circulação só foi conseguida após acalorados debates entre os censores (ABREU, 2005; 2008). Isso porque as questões relativas à moral e à virtude, ainda

que permeadas de alertas sobre as mudanças pelas quais estavam passando esses conceitos no século XVIII, despertavam polêmicas na aprovação dos romances pelos órgãos da censura. Felizmente, o livro foi aprovado e pudemos tomar conhecimento da história dessa estu-dante, fruto da imaginação de um autor desconhecido.

Adelaida, Mme. de La Tour e Margarida, então, são exemplos de personagens femininas de livros em prosa de ficção que desafiaram a vontade de seus familiares, as convenções sociais e a opinião da maioria das pessoas com que conviviam, movidas pelo desejo de concretizar uma história de amor. Ainda que nem sempre bem sucedidas, essas histórias foram vividas e as mulheres souberam lidar dignamente com os julgamentos que receberam.

Mais comedidas, Virgínia e Theodora deixaram de experimentar situações que ultrapassassem os limites do comportamento que delas era esperado e que, talvez, lhes trouxessem realizações pessoais. Mesmo assim, as histórias dessas personagens foram merecedoras do apreço do público leitor luso-brasileiro e conquistaram um lugar privilegiado no imaginário dos leitores do século XIX não alcançado pelas personagens acima comentadas. Isso ocorreu, sobretudo, com Virgínia, que conquistou o público brasileiro já de início e, tanto agradou os leitores que habitavam o Rio de Janeiro da época, que logo teve sua história contada em uma peça teatral, como nos informa o anúncio do Teatro São João, em 1822: “Paulo e Virgínia. Adornado de vestuário rico, e proprio ao character, onde além dos engraçados Bailaveis de que he composta, tem a Scena do Naufragio, completamente executada com todo o maquinismo necessário” (DIÁRIO, 09/11/1822).

É de se notar, então que foram as personagens mais virtuosas, exemplos de comportamento moral feminino bem vistos naquele tempo, que maior sucesso tiveram entre os leitores, não somente na



época em que foram publicadas, mas por longo período do séc. XIX. Tendo em vista os preceitos morais vigentes e a presença da censura aos materiais impressos, é possível mesmo questionar a presença daquelas mulheres que se colocaram contra regras a elas impostas pela sociedade, como, por exemplo, o casamento por arranjos familiares e a fim de manter ou aumentar o patrimônio. Em busca de independência em relação aos pais, nem sempre conseguiram uma vida agradável, como foi o caso de Madame de La Tour, mas se mostraram detentoras de personalidades fortes, cuja construção por parte dos autores setecentistas merece destaque. Contudo, foram as personagens submissas e valorosas que sobreviveram ao tempo.

## Referências

- A FILÓSOFA por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>>
- ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- ABREU, Márcia. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura de censores. In: \_\_\_\_\_; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. (Reeditado nos *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 4, n. 3, 1998).
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Impressão Régia*. São Paulo: Edusp, 1993. 2. v.
- DEMOUGIN, Jacques (Dir.). *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*. Paris: Larousse, 1994.
- DIÁRIO do Rio de Janeiro (1821-1822). Microfilme. MEC – SEAC – Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros – Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro. (Disponível no Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp [AEL]).
- HISTORIA da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria. Tradução de Carlos Ferreira Lisbonense. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.
- HUNTER, J. Paul. The novel and social cultural history. In: RICHETTI, Jon (Ed.). *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel*. Cambridge: Cambridge University, 1988.
- MC KEON, Michael. Generic Transformation and Social Changes: Rethinking the Rise of Novel. In: DAMRASCH JR., Leopold. *Modern Essays on Eighteenth Century Literature*. New York: Oxford University, 1998.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3.

SAINT PIERRE, Bernardin de. *Paulo e Virginia*. História fundada em factos. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliográfico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Nacional, 1977.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Os romances nos anúncios da *Gazeta de Lisboa* e da *Gazeta do Rio de Janeiro*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC: LUGARES DOS DISCURSOS, 10., Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>>

TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. v. 1.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado e práticas de leitura: usos do livro na América portuguesa*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

Recebido em 17 de agosto de 2011

Aprovado em 2 de fevereiro de 2012

